

O JORNALISMO LITERÁRIO E O CINEMA COMO PRÁTICAS DE LEITURA NAS UNIVERSIDADES

*News journalism as reading
practice at universities*

José Nachreiner Junior¹

Resumo

O Jornalismo Literário e o cinema podem contribuir muito para a formação de leitores, inclusive como conteúdo interdisciplinar, pesquisa e extensão nas universidades. Estudantes descobrem novas práticas de leitura quando são estimulados a conhecer a história de personagens reais que os ajudam a construir valores, visão de mundo, comportamentos e representações objetivas e subjetivas dos contextos narrativos.

Palavras-chave: Formação de Leitores; Práticas de Leitura; Jornalismo Literário; Cinema.

Abstract

News Journalism and movies can contribute in a major scale for the readers development and that is specially true when it is applied as an intersyllabus content, or as research or extension courses topic. Students can discover new practices because they are encouraged to discover the real life stories of real characters that will help them build values, world vision, behaviors and objectives and subjectives representations of the narrative contexts.

Keywords: Readers Formation; Reading Practices; News Journalism; Movies.

¹ Coordenador do curso de graduação em Comunicação Social e do curso de Pós-Graduação em Direção de Arte das Faculdades Curitiba. É Professor da disciplina de produção publicitária em cinema e mestrando em Educação PUCPR.
E-mail: jose.nachreiner@uol.com.br.

Todo leitor gosta de ler

O paradoxo “o leitor não gosta de ler” costuma ser citado entre jornalistas, professores dos cursos de Comunicação Social, professores de outros cursos de graduação, cursos de pós-graduação, os próprios leitores, etc. Trata-se de um clichê absurdamente vago, pejorativo, discriminatório e representa um estereótipo sobre a condição da formação do leitor brasileiro provido de senso comum.

Mas se determinados professores e jornalistas afirmam que o “leitor não gosta de ler”, outros poderão reconhecer que há um grande universo de leitores que não gostam de ler jornais impressos em papel, revistas, livros didáticos e não didáticos e são leitores dos meios de comunicação como a Internet, celulares, cinema, TV aberta, TV por assinatura, rádio e propagandas como *outdoor*, mobiliário urbano, *botons*, camisetas, CD's, DVD's, etc.

Segundo os resultados do SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) de 2003, os leitores com nível de compreensão dentro dos exigidos na 3.^a série do ensino médio compreendem textos narrativos e informativos de maneira adequada. Nas escolas públicas e privadas, alcançam apenas 6,2% de um universo pesquisado de 300 mil alunos de cerca de 6.270 escolas públicas (municipais e estaduais) e particulares de todos os Estados². Não há como nos orgulharmos das estatísticas pessimistas que reforçam o paradoxo “o leitor não gosta de ler” quanto à qualificação da formação dos leitores professores, leitores alunos, leitores jornalistas, leitores espectadores e críticos expectadores desses leitores, uma vez que não teríamos tantos professores qualificados para a atual expansão do ensino privado, cuja perspectiva de desenvolvimento das competências referentes à formação do leitor não são praticadas nas salas de aula do ensino superior.

É sabido que muitas possibilidades tecnológicas acabam contribuindo para a falta de sensibilidade e entusiasmo dos estudantes, dos professores e dos futuros profissionais da imprensa. Observada a apatia tecnicista dos profissionais da mídia aliada aos interesses das empresas de comunicação aumentam a ineficácia da formação de leitores nos cursos de Comunicação Social, em especial, os futuros jornalistas, que de modo geral apresentam sérias deficiências elementares em relação à formação do leitor crítico. Deficiências também observadas nos projetos pedagógicos dos cursos de Comunicação Social cada vez mais voltados à formação técnica, ausência de pesquisas, bibliotecas medíocres, revistas produzidas especialmente para as comissões de verificação das condições de ensino, etc. A abundância de computa-

² Dados estatísticos divulgados pelo sistema SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica, 2003), MEC/INEP, publicados no jornal Folha de São Paulo em 17 de junho de 2004.

dores, a constante corrida pelo aperfeiçoamento de *softwares*, processadores cada vez mais velozes e a evolução dos *sites* de busca transformam professores e alunos em seres apáticos, passivos, não assimilando as competências do ensino aprendizagem enquanto conhecimento adquirido por meios eletrônicos. Informações que não são dialogadas e traduzidas em reflexão e crítica. Tudo parece estar tão claro e rápido como no *site* de busca *Google*.³ Paulo Freire afirma “que como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo e nem ensino” (1996, p. 85). Talvez a tecnologia que brota de todos os lados tem diminuído a curiosidade epistemológica dos professores e alunos e, segundo Freire, o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser (FREIRE, 1996).

Jornalismo literário: velhos e novos hábitos de leitura

O famoso jornalista Gay Talese, um dos pioneiros do “novo jornalismo”, justifica a prática do jornalismo literário como:

abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando o autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como os outros preferem, inclusive eu próprio (TALESE, 2004, p. 9).

Verifica-se um estímulo à reflexão e à crítica por parte de professores e alunos, quando estes têm a oportunidade de assistir filmes como *Tiros em Columbine* (Michael Moore, USA, 2002), documentário que trabalha a reportagem sobre a denúncia da condição histórica do sentimento de prazer pelas armas dos cidadãos comuns americanos ou o documentário histórico em *Diários de Motocicleta* (Walter Salles, USA, 2004) que enche os olhos dos espectadores com a história do início dos ideais libertários de Che Guevara, ou ainda *Cabra Marcado para Morrer* (Eduardo Coutinho, Brasil, 1984) que contextualiza as lutas camponesas e o golpe militar de 64. Em decorrência, nossos acadêmicos nos enchem de questões e curiosidades que são levantadas de forma emotiva, intuitiva ou comparativa, mas preparados para o desafio da pesquisa. O mesmo acontece ao indicarmos uma literatura como o livro-reportagem de Caco Barcelos que preferiu abordar a história de Marcinho VP em *Abusado* ou o repórter norte-americano John Hersey que atormen-

³ Endereço eletrônico em www.google.com.br

tou a consciência do mundo com a história de seis sobreviventes de Hiroshima ou mesmo a épica guerra de Canudos na visão do escritor Euclides da Cunha entre muitos outros exemplos.

A lista de documentários e publicações sobre jornalismo literário é extensa e a discussão entre docentes e discentes provocada ao refletir sobre leituras e experiências a partir de biografias, reportagens de investigação, documentários que utilizam estes recursos nos convidam a trabalhar o jornalismo literário de forma interdisciplinar, que é uma excelente iniciativa para a prática de leitura em qualquer curso de graduação. Se as empresas de comunicação de massa vivem uma crise de origem tecnicista é porque na academia não tem sido diferente (refiro-me a LDB 5692/1971 e o recente Decreto Federal 5154/2004 que propõe a expansão dos cursos profissionalizantes). Não raro, nas empresas de comunicação, tradicionalmente conduzidas por diversos interesses econômicos que pautam as matérias dos jornalistas, tem como premissa a qualidade de trabalho ancorada à infra-estrutura de telefones, *e-mails* e *sites* de busca, que acabam se distanciando das práticas do jornalismo literário, se restringindo à veiculação de notas e informativos que lembram a sinopse de reportagens.

Nas décadas de 1950 e 60, a expressão jornalismo literário significava trabalhar com novas possibilidades para se fazer jornalismo ou *new journalism*, assim denominado pelos contemporâneos Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe, respectivamente, os autores das reportagens que primavam pela liberdade narrativa, sem telefones e sem Internet que seria o nome da rede mundial de computadores em um futuro ainda distante, em clássicos como *A Sangue Frio*, *Aos Olhos da Multidão* e *Os Eleitos*. A idéia de se misturar descrição objetiva completa e algo mais que os leitores buscam na vida subjetiva e emocional dos personagens não é nova. O inglês Charles Dickens (1812-1870) trabalhou com reportagens para o *Morning Chronicle* em 1935. O escritor americano Ernest Hemingway (1898-1961) começou sua carreira de jornalista no *Kansas City Star* e ainda muito jovem cobria a guerra civil espanhola. O escritor brasileiro Euclides da Cunha fez reportagens para o *Estadão* sobre a guerra de Canudos em 1887 e construiu o épico *Os Sertões*, publicado em 1902. Porém, trabalhar hoje o jornalismo literário em grande escala significa custos altíssimos para as empresas de comunicação, pois como dizia Truman Capote, “a reportagem deve ser uma arte tão elevada e requintada quanto qualquer outra forma de prosa, ensaio, conto ou novela”. De fato, Tom Wolfe e Gay Talese escreviam para a revista norte-americana *Esquire*, na década de 60, matérias que podiam ser perfeitamente lidas como um conto. Talese diz que o novo jornalismo, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É ou deveria ser tão verídico como a mais exata das reportagens buscando embora uma verdade mais ampla que a possível por mera compilação dos fatos comprováveis.

Os cursos de graduação em Comunicação Social deveriam incentivar práticas de leitura como o jornalismo literário de forma interdisciplinar, pois se trata de um gênero que busca a reflexão junto à literatura, ao teatro e ao cinema. A imersão do jornalista narrador no cenário no qual investiga e escreve necessita de uma abordagem racional e possibilita uma maior abordagem sociológica, antropológica e psicológica sobre os fatos, estimulando o leitor a desvendar novas possibilidades de pesquisa, de leitura e de lazer. O escritor, biógrafo e jornalista Fernando Morais, outro praticante do jornalismo literário desde sua obra Olga, faz de *Chatô o Rei do Brasil* uma forma biográfica, que segundo Mikhail Bakhtin, “é a forma mais realista, pois é nela que de fato transparecem menos as modalidades de acabamento, a atividade transfiguradora do autor, a posição que no plano dos valores, situa-o fora do herói(...) o autor da biografia é o outro possível.” (1997, p. 166). Neste sentido, Bakhtin propõe um *eu-para-mim*, uma contemplação da vida e de suas trajetórias sem verdades absolutas. Assim, as 732 páginas de *Chatô* podem mudar o paradoxo “o leitor não gosta de ler”, assumindo a trajetória política, cultural, econômica, social e transformadora da história da arte moderna brasileira, da imprensa ou da televisão, alicerçado ainda num relato de um ex-aluno: ... “depois que li, gostei de um livro que antes só era útil para prender a porta do meu quarto”... É claro que ele teve um professor que o estimulou falando da importância das 732 páginas, que deveriam ser lidas como a memorável história de um dos personagens (Assis Chateaubriand) mais instigantes e misteriosos da história da mídia brasileira.

Janela sobre a partida

Um velho copia seus próprios desenhos dos tempos de criança. São desenhos de 70 anos atrás. Enquanto os copia sua mão treme. Guarda alguns jornais velhos, velhos como ele, embrulhados em panos velhos, cuidadosamente amarrados. Ele tem medo que as palavras escapem (GALEANO, 1994, p. 99)

É bem provável que se este artigo for lido daqui a uma década, a maioria das denominações técnicas aqui presentes desapareçam ou fiquem defasadas em curto espaço de tempo como na poesia composta pelo “ministro” (atual em 2005) da Cultura, o compositor e cantor Gilberto Gil:

Criar meu web site, Fazer minha home-page, Com quantos gigabytes, Se faz uma jogada, Um barco que veleje, Que veleje nesse informar, Que aproveite o vazante da infomaré, Que leve um oriki do meu velho orixá, Ao porto de um disquete com um micro em Taié.

Em 2005, faz parte da rotina do professor e dos alunos das universidades a apresentação de aulas e exposição de trabalhos através de projetores multimídia com a utilização de equipamentos nos formatos CD-R, DVD-R, *Memory Stick* e outros tipos de mídia. Só para se ter uma idéia esses formatos não estavam disseminados entre os acadêmicos em recentes três ou quatro anos atrás. Esta revolução tecnológica pode ser notada nos meios pelos quais os acadêmicos apresentam seus trabalhos ou alguns anos depois do lançamento da canção de Gilberto Gil que menciona os antigos “disquetes” cada vez mais em desuso. Os estudantes parecem estar mais interessados em criar seus *blogs* e se corresponderem no *Orkut* ao invés das tradicionais *chats*⁴. Segundo o sociólogo e professor da universidade de Paris, Gérard Leclerc, “a velocidade da evolução tecnológica não tem precedentes na história, a mundialização informacional e cultural é certamente uma forma de abolição do espaço e do tempo, pois as mutações da velocidade do século XX (o automóvel, o comboio, o avião, telecomunicações) tiveram como efeito uma aceleração do tempo e um encolhimento dos espaços dos homens”:

A existência dos mass media elétricos e depois os eletrônicos, os homens penetram num novo mundo, o da comunicação “global”, um mundo síncrono, uma sociedade de ubiqüidade: pela primeira vez na história, existe uma espécie de contemporaneidade de todos os homens da terra (LECLERC, 1999, p 58-63).

Na prática, podemos observar alguns comentários do cotidiano dos professores, proponho a situação na hora do lanche (intervalo das aulas em que os docentes discutem questões sobre a má formação de seus educandos enquanto leitores e escritores). Em dado momento das conversas, professores formulam as seguintes expressões: *...meus alunos escrevem muito mau porque nunca lêem nada... tudo é culpa da televisão... eles são todos midiáticos demais... a culpa é das escolas que não prepararam bem os alunos... os cursinhos são um desastre na construção do conhecimento... eles só querem acessar a internet, escrever e ler que é bom, nada...* Descontados os estereótipos e o senso comum acompanhado de testemunhos emocionais, os “fictícios professores” poderiam também ser incluídos nas estatísticas do texto abaixo publicado pelo jornal Folha de São Paulo, de 1º de agosto de 2004, página 8, coluna do articulista Gilberto Dimenstein:

⁴ Segundo Pizzotti (2003) *Blogs* são uma espécie de *home-page* personalizada onde o “internauta” pode publicar seu cotidiano e *Orkut* é uma nova modalidade de *blog* onde o internauta tem a possibilidade de construir uma lista de relacionamentos pessoais. Os antigos disquetes têm capacidade de armazenar apenas 720Kb, na mídia CD-R podem ser gravados só de uma vez 80 minutos ou armazenar 700Mb e com um DVD-R é possível armazenar 9,4 GB.

A derrota prossegue na escola. Um levantamento feito pela Unesco mostrou que 45% dos professores nunca foram ou foram só uma vez ao museu; 40% nunca foram ou foram só uma vez ao teatro; 25% nunca foram ou foram uma vez ao cinema. Cerca de 60% deles não tem e-mail nem usam a Internet.

Imaginar que os comentários dos professores estabelecem uma contradição, onde quem ensina também não lê e ainda criticam seus próprios alunos pelas deficiências provocadas pelas condições limitadas do ensino-aprendizagem enquanto práticas de leitura aumentariam o grau desta ficção.

“Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio” (FREIRE, 2003, p. 43), era o recado que o educador Paulo Freire começava a redigir de Santiago em seu longo exílio na primavera de 1965. Com esta frase, Freire dá início à obra **Educação como Prática de Liberdade** e assinala o título de “Esclarecimento”, como se quisesse antecipar-se aos resultados encontrados nas pesquisas que indicam fracassos da educação a exemplo dos dados divulgados pela UNESCO, em forma de manifesto por uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivessem no homem e no povo sujeitos de sua História (FREIRE, 2003).

Os meios de comunicação, como a televisão, são responsáveis, em escala mundial, pela divulgação de informações fragmentadas e hoje assumidas como conhecimento, construindo desta forma o mundo que conhecemos. Sabemos que a informação não é conhecimento, pois o conhecimento implica a crítica, a reflexão, o conhecimento é um processo que prevê a condição de refazer os dados das informações, reescrever as partes das possíveis totalidades.

Na escola, o conhecimento não deve excluir a informação e sim fazer parte dos processos dialéticos da construção do conhecimento. A Internet possibilita ao aluno uma condição de leitura muito diferente daqueles que freqüentavam a escola até a década de 1990 e ainda é muito incompreendida como prática de leitura por muitos professores e escolas.

Segundo o professor e crítico Eugenio Bucci, “a TV convida permanentemente o telespectador a identificar a realidade com aquilo que ele vê, e o telespectador se sente confortável por ter acesso tão direto, tão imediato ao mundo real” (1997, p. 9) assim a TV vai construindo seu espaço público entre os jovens que assistem o canal MTV. Sendo que a TV ainda é um meio de comunicação em que o telespectador pode fazer suas leituras de modo coletivo diferentemente da Internet, onde a leitura tem como objetivo a privacidade e a individualidade, quer seja no momento em que está redigindo um texto para responder a um *chat* ou está “surfando” através de suas *home-pages* prediletas. Nosso estudante, “internauta”, tem a mesma privacidade que os antigos diários conferiam à infância e à adolescência daqueles que cresceram sem as práticas de leitura propostas pela Internet nas escolas do século XX. De

acordo com o historiador Alberto Manguel (2002), na Europa dos séculos XVII e XVIII, pressupunha-se que os livros deveriam ser lidos no interior de uma biblioteca pública ou particular, talvez a Internet misture os conceitos de coisa pública enquanto meio de comunicação e individual como um livro eletrônico para o momento do leitor internauta. Com bilhões de endereços eletrônicos disponíveis, a Internet é um meio genuíno de informações onde as pesquisas que poderiam resultar em diálogos entre os saberes para a produção do conhecimento acabam se perdendo quando não há a orientação de navegação, ou seja, o “GPS”⁵ do conhecimento também vai depender do grau da criticidade com a qual vai ser exposta enquanto metodologia de pesquisa.

Segundo recentes dados do IBOPE, os telespectadores ficam expostos em média de quatro a cinco horas diárias na televisão e que os jovens em média de cinco horas na Internet, outras revelam que a exposição aos meios, incluindo a mídia impressa, cobre a terceira parte do tempo dos seres humanos nas sociedades industrializadas, perdendo apenas para dormir e trabalhar (BECHELLONI, 1995). Talvez o relato de nossos acadêmicos do século XXI identifique práticas de leitura que representem uma forma extrema de uma teoria pós-moderna, que o professor de literatura Steven Connor descreve como “narrativas totalizadas e todo-inclusivas como demonstra a satelização da vida social e cultural obediente ao eco do alargamento da globalização pertencente à própria cultura tecnológica” (CONNOR, 1992, 160).

O que os professores da hora do lanche ainda não perceberam é que para os alunos é mais importante “ler TV do que ver TV”. Esta metáfora pode nos indicar o predomínio da informação sobre o conhecimento.

No século XX, as histórias em quadrinhos faziam parte do imaginário de muitos alunos. As HQs migraram para os videogames e estão entrando nas salas de aula onde muitos alunos aprendem a produzi-las através de complexos editores de textos e sofisticados *softwares*. Os professores estão diante de uma nova realidade de formação de leitores que possuem muitas deformações em seu processo de ensino-aprendizagem, porém precisamos reconhecer as particularidades das novas práticas de leituras que estão inseridas no contexto das informações da Internet, da TV, do cinema, da propaganda, etc. Pouco conhecemos sobre as novas práticas de leitura dos alunos que pertencem a esta sociedade videotecnológica, assim como ainda permanecem dúvidas sobre o contexto histórico e social da década de 1930, quando o cineasta Orson Welles assustou os moradores de Chicago com uma suposta invasão da terra pelos marcianos, transmitida pelas ondas da rádio CBS em uma adaptação radiofônica do romance “A Guerra dos Mundos” do escritor H. G. Wells. (GÓMEZ, 1997).

⁵ De acordo com Pizzotti (2003) GPS são as iniciais de *Global Positioning System*: sistema de posicionamento global. Sistema eletrônico de navegação, com base em uma rede de 26 satélites, que permite a localização em qualquer parte do planeta.

Para os estudantes, a Internet como meio de comunicação mistura soluções multimídia, cinema, brinquedo e informações e se afirma como a linguagem das primeiras décadas do século XXI, um fenômeno social da interação verbal constituindo a realidade da língua como afirma Mikhail Bakhtin:

(...) a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela anunciação metodológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (1979, p. 109)

O historiador Eric Hobsbawm se refere ao século XX como um breve século de 80 anos em sua obra “A Era dos Extremos”. É possível que do ponto de vista do professor, um estudante do século XXI não tenha a noção do que significam processos históricos e décadas, pois sua principal ferramenta de trabalho (a Internet) é um meio de comunicação que desafia o espaço e o tempo. O que os professores da “hora do lanche” necessitam rever é que a evolução dos meios tecnológicos de comunicação de massa está cada vez mais inserida no contexto do ensino-aprendizagem, não só como infra-estrutura para a aula, mas como uma troca dialética entre alunos e professores que buscam o conhecimento, reconhecendo nas inúmeras práticas de leitura (Internet, cinema, TV, rádio, revistas, etc.) desta sociedade virtualizada, o prazer pela leitura. Segundo o lingüista Roland Barthes

Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a idéia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através do entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas da teia (2002, p. 74-75)

Assim, torna-se urgente a compreensão dialética entre professores e alunos dentro de um sistema social chamado educação, ainda que a noção de tempo dentro da academia seja sempre mais vagarosa em relação às sociedades virtuais que começam a se estabelecer.

Jornalismo literário quer dizer também prática de muitas literaturas, pois o leitor sempre gosta de ler e em diversos meios.

Talvez quando esses mesmos jovens (nossos alunos) ficarem velhos tenham tempo de copiar seus próprios arquivos (sei lá em que mídia) dos tempos de criança. A partir daí atualizo a citação de Galeano: ... “São desenhos

*de 70 anos atrás. Enquanto os copia sua voz treme. Guarda alguns CDRs e DVDs velhos, velhos como ele, embrulhados em panos velhos, cuidadosamente amarrados. Ele tem medo que as imagens escapem”... (Adaptação livre da citação de Eduardo Galeano, em **As Palavras Andantes**. p. 99)*

Referências

AUMONT, J. **A imagem**. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio César Santoro. Campinas: Papyrus, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo,SP: Hucitec, 1979.

_____. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo,SP: Martins Fontes, 1997.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo,SP: Perspectiva, 2002.

BECELLONI, G. **Televisione come cultura: I media italiani tra identità e mercato**. Nápoles, Liguori, 1995.

BUCCI, E. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo,SP: Boitempo, 1997. p. 9-11

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: Introdução às teorias do contemporâneo**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo,SP: Loyola, 1992.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 27. ed. Rio de Janeiro,RJ: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo,SP: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, E. **As palavras andantes**. Tradução de Eric Nepomuceno. 4. ed. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos. Revista Comunicação & Educação. São Paulo,SP, n. 10, Moderna, 1997.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans. et al. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro,RJ: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert, et al. **A literatura e o leitor:** textos de estética da recepção. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LECLERC, G. **A sociedade da comunicação:** uma abordagem sociológica e crítica. Tradução de Sylvie Canapé. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo,SP: Companhia das Letras, 2002.

NOVAES, Adauto; et al. **O olhar.** São Paulo,SP: Companhia das Letras, 1988.

PIZZOTTI, R. **Enciclopédia básica da mídia eletrônica.** São Paulo,SP: SENAC, 2003.

TALESE, G. **Fama e anonimato.** Tradução Luciano Vieira Machado, 2. ed. São Paulo,SP: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em 15/01/2005

Aprovado em 01/03/2005